



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARIA SUSANA GOIS DE ARAÚJO  
IVONE SOUZA DE MOURA**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-778

**Entrevistadas:** Maria Susana Gois de Araújo e Ivone Souza de Moura

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Brasília

**Entrevistadoras:** Adriana Gomes Zimmermann Fontanella e Pamela Siqueira Joras

**Data da entrevista:** 18/05/2017

**Transcrição:** Bruna Moraes Costa

**Copidesque:** Mayara Cristina Mendes Maia

**Pesquisa:** Pamela Siqueira Joras

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 25 minutos e 15 segundos

**Páginas Digitadas:** 10 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: ARAUJO, Maria Susana Gois de, MOURA, Ivone Souza de. Entrevista concedida por Maria Susana Gois de Araújo e Ivone Souza de Moura ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadoras: Adriana Gomes Zimmermann Fontanella e Pamela Siqueira Joras. UNIVASF, UFRGS, Brasília (DF), 17 mai. 2017, 13.p.

## **Sumário**

Formação; Programa Esporte e Lazer da Cidade; Programa Segundo Tempo; Esporte e lazer; Convênios; Vida Saudável; Capacitação gerencial; Atividades; Operacionalização dos sistemas; Falta de capacitação; Equipe pedagógica; Avaliação periódica dos programas sociais; Parceria com as universidades.

Brasília, 18 de maio de 2017. Entrevista com Maria Susana Gois de Araújo e Ivone Souza de Moura a cargo das pesquisadoras Adriana Gomes Zimmermann Fontanella e Pamela Siqueira Joras Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.Z. – Primeiramente, muito obrigada por nos cederem esse tempo para a entrevista. Vocês podem nos contar um pouquinho sobre a formação e a trajetória de vocês?

M.A. – Bom, eu sou formada em Educação Física, mas não atuei na área diretamente. Sempre trabalhei no serviço público federal e desde 2012, estou nesse trabalho no Ministério do Esporte, no qual, eu me sinto mais confortável de estar na minha área de atuação.

I.M. – Então, eu não terminei a minha formação em Letras ainda, mas estou no Ministério do Esporte trabalhando com os programas sociais faz uns quinze anos, por isso eu tenho vasta experiência em relação aos programas. Eu iniciei no Programa Segundo Tempo, que eu tenho um carinho imenso e agora estou no PELC<sup>1</sup> e estou apaixonada porque o PELC é um pouquinho diferente do PST<sup>2</sup> em relação ao público ao alvo. E já estou no PELC desde 2012 e anteriormente eu estava no PST, então desde 2012 estou aqui trabalhando no PELC.

A.Z. – E como é que aconteceu esse envolvimento de vocês com esporte e lazer? Como vocês chegaram a essa temática?

M.A. – Na verdade, a temática ela veio com o nosso trabalho. Eu lembro que quando entrei no Ministério, a gente estava lançando o edital do PELC e foi nesse momento que eu realmente me apropriei das diretrizes do programa em si. E ainda brinquei com a coordenadora da época, Ana Elenara<sup>3</sup>, que o PELC seria prioridade zero. Mas, a gente conseguiu nesses anos aí se envolver bastante e hoje o PELC junto com os outros programas fazem parte da nossa vivência.

---

<sup>1</sup> Programa de Esporte e Lazer da Cidade.

<sup>2</sup> Programa Segundo Tempo.

<sup>3</sup> Ana Elenara da Silva Pintos

I.M. – Eu faço minhas as palavras da Susana, porque a gente trabalha e atua na mesma área, então, a relação que a gente tem com o esporte e o lazer é com os convênios mesmo. Na verdade, a gente não tem a relação de forma direta. A relação é a consequência do nosso trabalho. Ontem, a Susana até comentou isso na nossa capacitação que é muito emocionante a gente chegar na ponta. A gente fica aqui, atrás da mesa, a gente mexe em papel e com o sistema o tempo todo, então, é muito gratificante quando a gente tem a oportunidade de ir lá na ponta e ver o que está acontecendo. Ver que aquilo, que todo o nosso trabalho, horário, tudo que a gente teve que fazer, aquilo valeu a pena, que está fazendo um efeito lá na ponta. Então, a nossa relação com o esporte e com o lazer é isso. Aproveito a oportunidade quando eu estou lá e refaço as atividades juntamente com eles porque é muito bom, é gratificante.

A.Z. – Quais foram as funções que vocês já desempenharam dentro do PELC?

M.A. – Dentro do Programa, eu... Bom, eu estou à frente da coordenação geral de acompanhamento e execução que é justamente isso. O PELC, para ser implementado no município e no estado, passa por um processo administrativo que é por meio de convênio. Então, todo esse planejamento, todo esse trabalho que antecede a aplicação na ponta do Programa é feito no nosso setor. Eu sou a coordenadora geral, a Ivone é a coordenadora e o nosso envolvimento é bem administrativo, basicamente administrativo. Nós somos facilitadores para as entidades que recebem um recurso para implementação do programa para que elas consigam realmente implementar. Então nosso envolvimento é mais na parte administrativa mesmo.

I.M. – Então, ela a coordenadora geral e eu sou a coordenadora e a gente tem as equipes que são os técnicos. Cada um trabalha com quantitativos de convênio para a gente tentar implementar os programas na ponta, então, esse é o nosso trabalho. Assim, o que a gente desenvolve dentro do Programa é isso.

A.Z. – E é com o PELC, com o Vida Saudável, com todas as vertentes?

M.A. – Isso, com todas as vertentes.

A.Z. – E vocês costumam participar normalmente dessas formações dos gestores, capacitações?

M.A. – Bom, na verdade, nós atuamos diretamente na capacitação gerencial. A nossa participação com a parte pedagógica, que são as equipes dos formadores, nós participamos do encontro anual no ano retrasado. Eu me recordo bem, acho que foi só um que nós participamos, porque o último, se eu não estou enganada, aconteceu em Minas Gerais, nós não conseguimos ir. Por quê? Porque nós trabalhamos com todos os convênios formalizados. Hoje nós acompanhamos aproximadamente uns duzentos, quase trezentos convênios, isso envolvendo o programa PELC, o programa Vida Saudável, o Programa PST, o Luta pela Cidadania e todos os eventos que são formalizados no âmbito da SNE LIS<sup>4</sup>. Então, todos são acompanhados por nós, nós temos esse trabalho em todos eles. Nosso tempo infelizmente é tomado por essas atividades, porque nós gostaríamos de estar mais envolvidas. Mas se nós não acelerarmos o processo, não fizermos a capacitação gerencial, não trouxermos os nossos parceiros para um envolvimento do que é necessário, a gente não implementa o programa. É incrível como esse trabalho é exaustivo até porque ele começa antes com o processo de preparação que é a ordem de início e depois passa por um acompanhamento, então, nosso tempo é curto, não só por causa do PELC, mas de todos os programas que nós acompanhamos.

I.M. – E as capacitações gerenciais, a gente não só está presente como a gente também idealiza, a gente participa e faz a capacitação. A capacitação gerencial vem com uma capacitação pedagógica junto, as outras capacitações que a UFMG<sup>5</sup> promove é que a gente não consegue muito ir, mas essa outra é uma vez por ano.

M.A. – Esse momento é para estar conversando com os professores a ideia de toda a equipe, aí é um momento que a gente aproveita para questionar algumas coisas e sermos questionadas.

A.Z. – O que vocês identificam como as principais dificuldades em suas atuações?

---

<sup>4</sup> Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social do Ministério do Esporte.

<sup>5</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

M.A. – Bom, as dificuldades são inúmeras. A primeira é a falta de capacitação. Nós temos uma dificuldade imensa, não falamos só dos Municípios, dos Estados também. Até para nos capacitarmos é complicado, porque nós não temos tempo. E até, por exemplo, nos cursos *online*... Eu estava conversando ontem com o professor Helder<sup>6</sup> e ele disse: “Faz a nossa especialização.” Mas e o tempo? Qual é o tempo que a gente tem? Então, a dificuldade é essa da questão da capacitação, eu acho que é o topo da cadeia. Se nós conseguíssemos vencer esse processo de capacitação, por exemplo, nós fizemos essa capacitação gerencial, nós não temos uma reciclagem dessa capacitação gerencial, então isso tudo é uma coisa... A capacitação é realmente um norte que nós teríamos que ter para resolver os problemas. E os demais gargalos são as dificuldades mesmo na operacionalização dos sistemas. Por isso que na gerencial, a gente sempre procura trazer com o pessoal do pedagógico do Mimboé<sup>7</sup>, nos casos dos programas PELC e Vida Saudável. Então, esses são os gargalos. E a comunicação, a comunicação também é outro problema que a gente precisa superar. Acho que não é um problema só do serviço público, mas de modo geral, nós temos, às vezes, dificuldades. Por exemplo, tem convênios que já receberam módulos introdutórios e que estão preparados e teve um gargalo num setor e um gargalo em outro, e a gente não consegue identificar com eficácia para sanar logo esse gargalo para que a entidade possa realmente colocar o programa. Então, são coisas que a gente tem que superar. No meu ponto de vista são esses.

I.M. – É... Assim, ao fazer entrevista com nós duas, vocês vão ter sempre as mesmas informações, [risos] porque a gente trabalha juntas, a gente sente isso. Então, tudo que ela falar é o nosso... Eu posso tentar lembrar de alguma coisa que ela deixou de falar, mas os problemas são esses. Os problemas que a gente enfrenta hoje para implementar o Programa é a capacitação que a gente não tem tanto do concedente como do concedente que a gente também precisa se capacitar. Tem coisas novas aí vindo, vai ter agora, acabei de saber pelo capacitador do planejamento, que dia 29 de maio vai ter uma revolução dentro do sistema e que a gente ainda não sabe. E para nós sermos capacitados nessa revolução que vai acontecer agora dia 29 de maio vai demorar porque a gente está abrindo novos editais agora e a demanda vai engolindo a gente. Então, a capacitação realmente... O tempo que a gente precisa para poder capacitar as outras pessoas é o grande gargalo. A falta de

---

<sup>6</sup> Helder Ferreira Isayama.

<sup>7</sup> Sistema de Acompanhamento e Monitoramento Administrativo.

conhecimento também, das entidades lá na ponta, por isso que a gente traz para cá, para eles terem conhecimento... Hoje, o maior problema deles é estruturar para poder conseguir implementar e atender com qualidade, igual a Susana falou. Então, isso é um problema deles... Uma dificuldade que a gente tem deles vencerem esses prazos que a gente dá para eles poderem estruturar. E a gente traz eles para cá, explica ponto a ponto o que tem que fazer para poder conseguir vencer tudo aquilo e na maioria das vezes, a gente tem retorno e às vezes não, porque a pessoa vem capacita e sai e vira aquela confusão. Então, os nossos problemas são esses... A gente conversa muito inclusive [risos].

P.J. – Vocês são uma equipe de mais ou menos quantas pessoas?

I.M. – Você fala só do PELC e do Vida Saudável?

P.J. – Isso.

I.M. – Na minha equipe tem umas quinze pessoas e minha coordenadora geral, são doze técnicos acompanhando.

P.J. – E além daquilo que vocês já comentaram, tem algum tipo de capacitação ou formação para trabalhar especificamente com o esse setor, com essa área?

I.M. – Antes tínhamos muito, não é Susana? Mas, a Susana já está trabalhando nisso, nessa capacitação que se fala para gente, para os técnicos *in loco*. A gente tem uma deficiência muito grande em relação as licitações que fazem parte do nosso trabalho. Então, agora já tem uma pessoa lá, um facilitador profissional que foi contratado só para esta área, ele entende essa área, ele vai fazer as capacitações. De outras demandas que a gente tem, a gente já começa a semear os conhecimentos. Quando o Diego<sup>8</sup> estava lá, ele fazia isso, uma vez por semana a gente tinha essa reunião. E hoje também continua assim, a gente sempre senta, conversa, chama, coloca o *slide* e apresenta.

M.A. – É, e também tem a questão da equipe pedagógica que interage com os técnicos. Então, por exemplo, a grade horária que é o instrumento de trabalho na ponta, quando o

técnico recebe essa grade horária, ele está integrado com o técnico pedagógico do Ministério para entender a grade e poder estar acompanhando junto. Então, esse trabalho a gente faz assim, apesar das dificuldades, da questão do tempo, nós conseguimos ter uma interação boa e para poder entender melhor como se dá o processo depois de que a parte burocrática, a parte administrativa está tratada.

A.Z. – O que vocês acham que poderiam fazer para qualificar? O que poderia acontecer no Programa para qualificá-lo?

M.A. – Bom, eu sempre penso como gestora que eu tenho que ter uma avaliação periódica do meu programa. Então, eu sei que a equipe já tenta fazer isso, mas um *feedback* nós não temos, por exemplo, nós temos lá... Nós conseguimos falar do convênio da execução, quer dizer: “pagou todo mundo, estava todo mundo contratado”, sobre isso, nós temos lá a informação do conveniente que ele manda fotos e aquilo tudo que a gente pediu na ordem de início, mas qual foi o resultado, qual foi? O que houve de crescimento para aquela comunidade com a implementação do Programa? O que ficou do Programa? Isso aí, eu sei que é uma preocupação mais da área pedagógica, mas que nós sentimos falta aqui. Ontem mesmo eu conversei com um conveniente e ele disse assim: “Susana, está tão mudado já a forma, as atividades, eu pedi e a área pedagógica não atendeu, porque não compreendeu as minhas atividades, mas isso está modernizado demais”. Então, eu acho que é isso que preciso. O Programa é mutante, não tem jeito, ele tem que estar sempre renovando, sempre renovando, porque assim ele ganha uma visibilidade maior e a nossa política pública chega na ponta com mais qualidade, por exemplo, se eles tirarem uma pessoa para fazer... Primeiro, dá uma cultura a ela de que o lazer faz parte da vida dela. A maioria do povo brasileiro tem o lazer pela televisão. Então, ele acha que lazer é no tempo ocioso, quer dizer, ele não precisa, então é uma cultura que você... É um trabalho de formiguinha, você vai levando, levando, até as pessoas pararem a vida, pararem aquele momento da vida, da atividade para poder estar vivenciando o prazer que é o lazer, que são as atividades. Acho que essa avaliação é importante, acho que é um trabalho que já vem sendo pensado, mas que ele tem que ser mais divulgado, se ele já existe para que todos tenham conhecimento dele. Acho que é uma coisa que a gente precisa muito.

---

<sup>8</sup> Diego Vinicius Massarotte.

I.M. – Eu concordo com a Susana, acredito que a gente tendo a parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, eu acredito que ela faz esse trabalho, para ver o que o Programa conseguiu depois de implementado, como finalizou, o que ele conseguiu depois de tudo. Eu acho que a UFMG faz isso sim, mas a gente precisa disso com mais efetividade. Mas assim, sabe, precisamos de um retorno e de divulgação e onde viu que está errado, que não deu certo para poder consertar, de todos os programas implementados, depois de várias avaliações que nós fizemos, “achamos todos esses problemas, vamos atacar esses problemas para ver o que a gente pode melhorar no programa”. Acho que vai com a parceria da UFMG que ela consegue, ela tem esse trabalho, ela está interiorizada, quando foi chamada a UFMG era justamente para isso, ela na verdade pensa nos nossos programas, ela tem a expertise para isso.

A.Z. – Podem falar um pouquinho das dificuldades. O que vocês gostariam de destacar no Programa? O que é muito bom? O que está dando certo?

M.A. – Os programas em si são apaixonantes. O PELC, o Vida Saudável, até porque o fato de você pensar no idoso é hoje, com respeito, você tentar trazer essa cultura que foi perdida, porque a gente respeitava os avós, as pessoas mais velhas, e isso se perdeu, e acho que o Vida Saudável vem resgatar isso... Eu lembro quando eu entrei no Ministério e o Vida Saudável era um núcleo e o nosso secretário da época: “Vamos pensar em isso virar um programa mesmo, para a gente poder trazer esses idosos para a rua, para a vida”. Então, são coisas que apaixonam. E sem contar aquilo que eu falei: quando você vai na ponta, a oportunidade de nós irmos na ponta é muito pequena, porque nos temos esse sobrecarga de trabalho, não só nós, todos os gestores públicos hoje estão sobrecarregados, mas quando nós vamos ao núcleo é emocionante mesmo. Nós não temos a visão aqui de Brasília desse poder executivo todo, mesas completas, material para trabalho, da dificuldade que é você levar isso, você trazer as pessoas e envolver as pessoas no processo da atividade, então, é uma coisa que é apaixonante, acho que é isso. Nos dois programas, aliás, todos os programas que nós trabalhamos até agora mesmo. Nós lançamos o ano passado um comunicado para o “Brincando com o Esporte”. É delicioso! Você vê aquele monte da garotada de camiseta e correndo, fazendo coisas que elas não estariam fazendo, então é assim uma ação que o ideal é que ela fosse não só uma iniciativa mais uma lei, uma exigência de ser e ter a participação de todos.

I.M. – O Programa Esporte e Lazer na Cidade e o Vida Saudável, o que a gente poder fazer para eles não deixarem de existir a gente vai fazer porque realmente acho que tem que ter, um município que não tem condições faz a implementação... Eu queria muito que os profissionais fossem mais envolvidos para chamar a comunidade, sabe? Eu acho que ter um perfil de cada profissional para chamar a comunidade para fazer as atividades é muito bom. Eu já estive na ponta, já estive lá no Sul, é muito bonito mesmo, eles vão... O Vida Saudável mesmo, aquelas senhorinhas fazendo as atividades é muito bom. Então assim, o que a gente poder fazer para este programa só crescer, não é Susana, a gente está aqui dando a camisa, suando para poder isso acontecer, porque é muito bom.

A.Z. – Esse tempo todo, vocês falaram tudo emocionante assim, mas nesse tempo que vocês estão no Programa tem alguma experiência marcante que tocou vocês que poderiam compartilhar com a gente?

I.M. – Tem tantas, não é Susana? Fica difícil.

M.A. – É, eu lembro bem, Ivone, quando nós fomos na oportunidade de ir a Recife. Nós participamos daquela atividade noturna que quem estava ministrando a aula era um portador de necessidade especiais, só que ele tinha um grau pequeno de *down* e ele estava trabalhando com as pessoas numa alegria e elas empolgadas e elas falam muito dele.

I.M. – É. Uma turma cheia, lotada a turma! Eu fui brincar também [risos].

M.A. – Nós não queríamos nem sair [riso]. Foi uma atividade depois do dia todo de visita, reunião de manhã, visita da tarde, aí à noite, nós ainda fomos para este núcleo e foi assim. Eu me emociono até agora de tanto que foi... uma oportunidade pequena e outra coisa que nos emociona muito são os vídeos, que eles chegam até a gente, porque nós não podemos ir, mas eles vêm, eles chegam, eles são importantíssimos, então, são momentos que nos emocionam sim, sempre.

A.Z. – Tem alguma coisa [riso]?

I.M. – Então, é porque a gente estava junto [risos] é sempre assim.

M.A. – Eu brinquei com ela na hora de apresentação da ordem de início ontem, eu falei: “Você vai fazer comigo, nós estamos juntas” [risos].

I.M. – Então, a gente passa por esses momentos assim emocionantes. Mas alguns não foram gratificantes porque às vezes o convênio encerra e aí eles ficam assim: “Não acaba com o Programa aqui não, por favor Ministério do Esporte, não faz isso aqui não. A gente precisa desse Programa aqui”. Aí como eles tem que participar de outro edital para implementar o Programa de novo lá, às vezes o município não tem condições de municipalizar, de continuar com o Programa, porque eu não se você chegou a assistir ontem os vídeos... Ivoti<sup>9</sup>, ele municipalizou e deu continuidade, isso é muito bom, muito bom, quando o município tem condições e consegue fazer isso é muito bom.

M.A. – Isso é um outro trabalho que os dois programas têm, a busca dessa autogestão. É uma iniciativa importante, agora nosso problema ainda continua sendo as mudanças frequentes de governo e isso prejudica muito.

A.Z. – A partir dessas mudanças todas, essa conjuntura meio louca, como vocês perspectivam o PELC?

M.A. – É uma avaliação que eu diria que nesse momento não tem como ser feita, acho que por ninguém mesmo. A gente tem que esperar e acreditar porque quando muda, você pode ter um Ministério do Esporte unido a outra pasta, então, quer dizer, não dá para você nem fazer uma perspectiva disso, se dependesse da nossa...

I.M. – E hoje mais que nunca está bem complicado mesmo.

M.A. – Hoje o cenário político não nos permite fazer uma avaliação dessa.

A.Z. – Tem alguma coisa que a gente não perguntou, que vocês gostariam de destacar que vocês acham que é importante ficar registrado?

I.M. – Eu acho que não. Nós falamos das nossas dificuldades e falamos da emoção que isso nos traz.

M.A. – Eu queria só destacar a questão da parceria que a Ivone já falou com a Universidade Federal de Minas Gerais. As parcerias com as universidades agregam demais ao nosso trabalho, é fundamental, então isso é coisa que a gente tem que preservar e cuidar bem para que isso possa estar se perpetuando para os nossos programas preferencialmente, mas é isso.

I.M. – É, a Susana tocou num ponto muito forte mesmo. Ver esses formadores lá na ponta capacitando os profissionais, ver a dedicação desses formadores para fazer com que o PELC aconteça, não tanto na intenção do Programa, mas no atendimento daquelas pessoas, isso é fundamental para a gente, essa parceria com a UFMG...

M.A. – Porque se nós perdermos isso, o que acontece? Você tem o trabalho administrativo aqui, mas você não tem a qualidade do serviço na ponta e do atendimento também, e aí você perde a essência, porque o nosso objetivo... Claro que ter uma gestão transparente isso faz parte, o procedimento administrativo é correto, mas se você não tem pessoas sendo atendidas com qualidade isso frustra muito, não só nos nossos programas, mas em todos os programas do Governo Federal, é isso.

A.Z. – Então tá, muito obrigada.

M.A. – Nós que agradecemos, falamos demais [risos].

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>9</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.